

Toxicomanias - Introdução



Curso de Gerenciamento de Casos
Rede SUS e SUAS

Patrícia Rachel Gonçalves
Psicóloga Clínica CETAD/UFBA
Coordenação Núcleo de Clínica
Coordenação Programa de Estágio

Posição Discursiva



“Eu sou toxicômano”

S = P

colagem do indivíduo com objeto droga

Alguns enunciados...

“eu sou viciado”

“ela acabou com minha vida”

“tá no sangue”

“quero um remédio que me faça parar de usar droga”

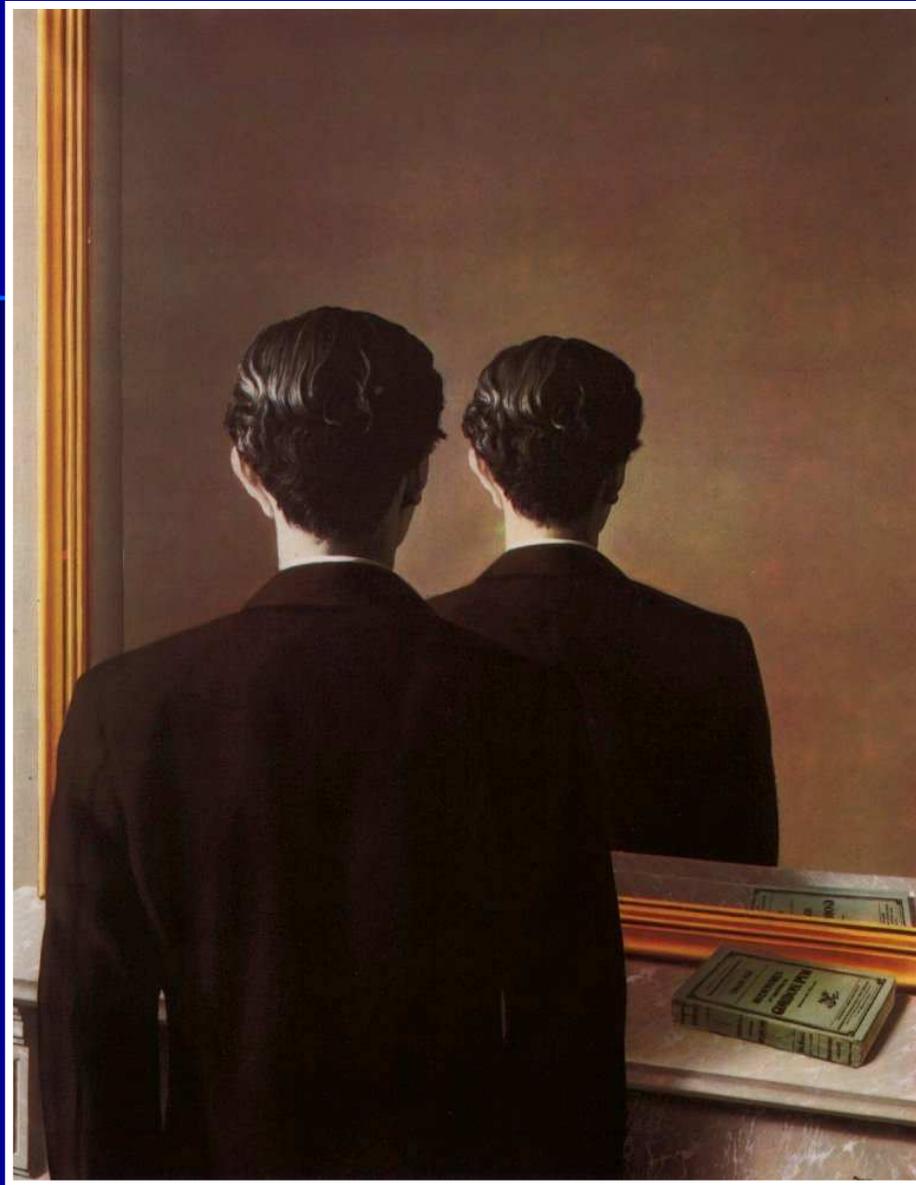
“Comecei a usar por curiosidade”

Algumas características que norteiam

O uso de drogas como resposta à angústia

Resposta muito exigente (ideal feroz)

Posição não-interrogável/Princípio de Identidade/
Condição de Existência



Reprodução Interditada

René Magritte, 1937

óleo sobre tela.

Movimento Surrealista Belga

Realismo fantástico

paradoxo de imagens
e enigmas

Ato de ruptura com o desejo do Outro

Dificuldade na simbolização da separação entre o sujeito e o Outro.

Ruptura \neq Separação

Fragilidade da Função Nome-do-pai / Função Paterna

Insubmissão ao gozo fálico (socialmente reconhecido)

Adolescência e uso de drogas...

Em muitas culturas e em outras épocas:

Há ritos marcados e extremamente delimitados que podem incluir drogas ou não (rituais de passagem), que definem a passagem da infância para vida adulta.

Na contemporaneidade:

Perda dos ritos, do sentido dos ritos ou enfraquecimento desses ritos

Aparecimento da noção de adolescência como tempo - faixa de tempo para fazer essa passagem.

A saída da família e entrada no social

Passagem da infância para vida adulta – transição

A invenção Moderna: tempo delimitado para transição (faixa etária)

Conteúdos:

Sexualidade, Morte, Pertença social

Puberdade:

passagem da satisfação auto-erótica para satisfação
com o corpo do outro

O processo constitutivo do Sujeito – Alienação/Separação – se reedita na adolescência

Operação de luto – problemática adolescente – perda da representação frente ao Outro, do lugar infantil, do lugar de falo...

“A adolescência é um momento de identificação radical. O adolescente não sabe o que fazer do sexo e não sabe qual é a melhor maneira de se nomear”.

A dificuldade na contemporaneidade - o sujeito se posicionar na passagem entre a infância e a vida adulta

Adolescência na perspectiva do aparato para consumo (marcas, etc)

Adolescência como ideal de tempo da felicidade na perspectiva nostálgica do adulto...

Se a adolescência fica no lugar do ideal, como fazer a passagem pra vida adulta?

O uso de drogas “adolescente” pode ser entendido como aquele que está no campo dessa passagem...

... como artifício, como um modo utilizado para realização dessa passagem

Mas também...

Pode ser um uso que marca ou dá no me a uma recusa ou impossibilidade de identificação com o “eu sou adolescente”

Suspensão da adolescência enquanto passagem, enquanto transitoriedade, no encontro radical com a droga

Nova forma de inscrição no campo do Outro (Ideal Social), onde o que opera é o enfraquecimento da função Nome-do-Pai

Quando o ato é delinquente...

Delinquência, do latim:

De → ação contrária, negação

Linquere → separar-se de algo ou alguém

(Negação da separação ou aproximação)

Aproximação do objeto por apropriação
(rpto, apreensão)

Revela a falta essencial da inscrição simbólica do que lhe fariam relacionar-se com a lei (trocas simbólicas, deslizamentos)

Gozo que escamoteia a lei (perversão) é diferente daquele que se faz em direção à lei (apelo ao nome-do-pai)

Virilidade pela via da criminalidade

Concepção de Família

Mudança na concepção de família ao longo dos tempos (no ocidente)

A Família Tradicional – transmissão de um patrimônio; a família submetida fundamentalmente à autoridade patriarcal;

A Família Moderna – fundada no amor romântico; reciprocidade dos sentimentos e dos desejos carnis por intermédio do casamento. Divisão de trabalho e responsabilidade na criação dos filhos.

A Família Contemporânea ou Pós-moderna - duração relativa. A transmissão da autoridade se problematiza à medida que divórcios, separações e recomposições conjugais aumentam.

Na modernidade e contemporaneidade

Desenvolvimento de métodos contraceptivos e reprodução assistida:

Introdução de questionamentos a respeito do casamento e da procriação.
A paternidade social se separa da paternidade biológica.

As mulheres passam a dominar inteiramente a procriação e os homossexuais, por sua vez, têm o poder de participar do processo de filiação

Conquistas da mulher no âmbito profissional e sexual fragiliza o poder antes centralizado da figura paterna, que passa a ser prescindível para a concepção e criação da prole.

Produção de novas formas de “subjetividade”. Novas formas de organização familiar apontam novas formas de sintoma, novos modos de gozar, novas formas de se colocar no mundo.

Família como rede de funções

Convocação na atualidade

Função = Lugar vazio

Poderá ser ocupado por diferentes elementos, em momentos distintos.

Favorece deslocamento / descolamento

A função é soberana ao papel social na inscrição do ser falante.

$[f(x) = y \text{ (variável)}] \rightarrow \text{mãe} \neq \text{"ser"} \text{ mãe}$

Função de mãe: ação específica – cuidados

Função paterna: autorização

Como se apresentam os familiares

Preocupados, culpabilizados – antecipação do tempo

Fusionados, colados – sem deslocamento aparente – se colocam como necessários incondicionais.

Complemento nominal

“SOU MÃE DE ...”

Em geral identificados – paralisados na representação de Mãe – cuidadora, salvadora, amor incondicional.

Temas recorrentes

Representação de “mãe” – Toda potente, amor incondicional.

Sensação de despreparo, pedido de ajuda pedido de “receitas”.

Posição autoritária, invasiva – controle exacerbado.

Culpabilidade → Responsabilidade.

Infantilização do filho.

Destituição do companheiro – em geral do que representa o terceiro na relação.

Abandono X Superproteção.

Dívida impagável – esperam do filho um reconhecimento por “tudo” que elas fizeram por ele.

Dinheiro – o que fazer com as dívidas do filho. Pagar ou não pagar?

Alguns fragmentos (na entrada)

Revelam “pré-conceitos” em relação à questão do consumo de drogas, encaixando seus filhos em rótulos:

“A droga vai matar meu filho”

“A culpa dele estar nesta vida é dos amigos que ficam chamando ele pra fumar”

“A gente faz com que eles digam a verdade que a gente quer ouvir”

“Enquanto ele continuar desta forma, não largo dele”

“O filho é meu e aí quando cresce a gente tem que dividir”

“Ela me tira do prumo, me desestabiliza, mas sem ela fica difícil suportar”

Consumidor/droga ou familiar/filho-drogado estão colados.

É preciso produzir deslocamento para que isto possa ser tratado como algo que, apesar de lhes dizer respeito, está fora, separado e pode ser visto de outro lugar:

“Eu busco a verdade, a comprovação, por isso que futuco mesmo”

“Parece que ele se droga pra mim”

Tudo X nada

Posição de sacrifício

Antecipação no tempo e no Espaço

Ferida narcísica – o que os outros vão pensar; vergonha

Submetidos ao imperativo categórico – subjugador e subjugado

“SE” fazem imprescindíveis

Alguns resultados

Desconstrução de fantasias em torno do fenômeno droga

Transformação de certezas em questões

Questionamento em relação à problemática apresentada

Deslocamento da demanda – vem em nome do filho e passam a falar em nome próprio: “Eu sou mãe de...” para “Meu nome é...”

Pedido de atendimento individual – muitas vezes fora do CETAD (desidentificação)

Alguns fragmentos (de saída)

“Agora eu me pergunto...”

“Tenho lidado com isso mais tranquilamente”

“Agora não tô nem aí pro que os outros falam, se bem que de vez em quando me dá uma vergonha...”

“Eu continuo preocupada, mas não fico aborrecida”

“Quando você começa no grupo, você acha que vem por causa da pessoa, depois vê que é por você”

Referencias

Bibliográficas

CONTI, M. Necessidade - demanda - desejo: os tempos lógicos na direção do tratamento. In: *Revista da Associação psicanalítica de Porto Alegre. A direção da cura nas toxicomanias*. Nº 24, 2003. Porto Alegre, APPOA, 1995.

NUÑES, M. E. Toxicomania e família: amor de mãe, amor demais... In: *Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo* / Luiz Alberto Tavares, organizadores [et al.], Salvador: EDUFBA, 2004, p. 145-151.

RÊGO, M. Toxicomania – Movimentos de uma Clínica. In: *Drogas, Clínica e Cultura – Toxicomanias Incidências Clínicas e Socioantropológicas* / Antonio Nery Filho, organizadores... [et al.]. Salvador, EDUFBA, 2009. p. 207-219.

TAVARES, L. A. Adolescência e Toxicomania: paradigmas da modernidade. In: *Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo* / Luiz Alberto Tavares, organizadores [et al.], Salvador: EDUFBA, 2004, p. 133-143.